

CULTURA, SENTIMENTO E MOBILIZAÇÃO: MOVIMENTO DE FAVELAS E PERIFERIAS DO RIO DE JANEIRO EM 2020

CULTURE, FEELING AND MOBILIZATION: RIO DE JANEIRO'S FAVELA AND PERIPHERY MOVEMENTS IN 2020

CULTURA, SENTIMIENTO Y MOVILIZACIÓN: EL MOVIMIENTO DE LAS FAVELAS Y PERIFERIAS DE RIO DE JANEIRO EN 2020

Elizabeth Arruda de Azevedo¹

Resumo: Este artigo tem como objetivo descrever duas manifestações decorrentes de mortes de jovens negros no Brasil ocorridas entre maio e julho de 2020, ambas manifestações foram organizadas pelo Movimento Favelas na Luta. Assim retomaremos como se estrutura o movimento desde 2017 até o contexto pandêmico ocasionado pelo coronavírus e a notoriedade do debate antirracista no eixo global. Utilizaremos estes dados qualitativos para articular um aparato teórico que nos ajuda a compreender pontos importantes destas mobilizações por meio da cultura e dos sentimentos. A metodologia de pesquisa e os dados empíricos foram retirados e construídos por meio de observação e descrição contínua das redes sociais do Movimento Favelas Na Luta.

Palavras-chave: movimentos sociais; movimentos negros; pandemia; cultura; sentimento

Abstract: This article aims to describe two demonstrations resulting from deaths of young black people in Brazil that occurred between May and July 2020, both demonstrations were organized by the Favelas na Luta Movement. Thus, we will resume how the movement is structured from 2017 to the pandemic context caused by the coronavirus and the notoriety of the antiracist debate on the global axis. We will use this qualitative data to articulate a theoretical apparatus that helps us understand important points of these mobilizations through culture and feelings. The research methodology and empirical data were collected and constructed through continuous observation and description of the social networks of the Favelas Na Luta Movement.

Keywords: social movements; black movements; pandemic; culture; feeling.

Resumen: Este artículo tiene como objetivo describir dos manifestaciones por la muerte de jóvenes negros en Brasil que tuvieron lugar entre mayo y julio de 2020, ambas manifestaciones organizadas por el Movimiento Favelas na Luta. Así, retomaremos cómo se estructura el movimiento desde 2017, así como el contexto pandémico provocado por el coronavirus y la notoriedad del debate antirracista en el eje global. Utilizaremos estos datos cualitativos para articular un aparato teórico que nos ayude a entender puntos importantes de estas movilizaciones a través de la cultura y los sentimientos. La metodología de investigación y los datos empíricos se extrajeron y construyeron a través de la observación continua y la descripción de las redes sociales del Movimiento Favelas Na Luta.

Palabras-clave: movimientos sociales; movimientos negros; pandemia; cultura; sentimento

¹ Graduanda em Ciências Sociais pela Universidade Federal Fluminense

INTRODUÇÃO

Com o objetivo de apresentar uma abordagem qualitativa do debate teórico no que tange aos movimentos sociais e ao campo da cultura, do sentimento e da mobilização, este artigo apresentará brevemente as manifestações impulsionadas pelas mortes de jovens negros de favelas e periferias do Rio de Janeiro no ano de 2020, a partir da exposição de repertórios das mobilizações e seu teor cultural e sentimental na reivindicação por mudanças sociais.

A proliferação do SARS-CoV-2, novo coronavírus causador da COVID-19, já assustava a população de Wuhan, na China, no final de dezembro de 2019. A sua crescente transmissão para outros países desencadeou em uma pandemia. A crise sanitária que os países vieram a enfrentar no início de 2020 ocasionou em medidas protetivas que tentam mitigar a transmissão do vírus como o uso de máscaras, isolamento social, *lockdown* e a higienização de superfícies. No Brasil, as medidas de isolamento social começaram a acontecer no mês de março de 2020 devido ao agravamento do contágio desde o conhecimento do primeiro infectado no mês de fevereiro. Os movimentos sociais atuavam no contexto de aglomerações e contato direto com outras pessoas para além do seu núcleo familiar, a partir da pandemia que tiveram de modificar e adaptar sua atuação.

A continuação das operações policiais nas favelas e periferias do Rio de Janeiro, ocasionando no assassinato de jovens negros, e em paralelo a isso fatores como: a crise hídrica que assombrou o estado do Rio de Janeiro deixando diversas famílias sem água potável para fazer a higienização necessária contra a Covid-19, o crescente do desemprego e a dificuldade que diversos trabalhadores autônomos, moradores de favelas e periferias enfrentariam ocasionando em um agravamento no que se referia a manutenção de serviços básicos como a alimentação. Para que possamos compreender a atuação do movimento Favelas Na Luta em 2020 retomaremos brevemente o histórico de mobilização do movimento desde 2017.

HISTÓRICO E CONTEXTO DE MOBILIZAÇÕES

A frase “O Gigante Acordou” que marcou as manifestações de 2013, mobilizadas principalmente pelos meios digitais, significou o despertar de uma sociedade que estava até então indiferente às problemáticas do país. Atribui essa indiferença à alienação produzida também pelos meios de comunicação tradicionais. Conhecido pelos especialistas como um movimento de protesto, levou parte considerável da população à rua, entretanto, se os motivos que os mobilizaram poderiam ser parecidos, as finalidades eram completamente distintas. É

diante deste cenário de diferentes finalidades que sucedem as mobilizações de 2015 e 2016, que culminaram no impeachment da até então presidenta Dilma Rousseff. As manifestações que surgem do aumento da tarifa do transporte e resultam na mudança de percepção político-partidária até a presidência do país nos ajudam a compreender as mudanças ocasionadas por uma mobilização iniciada nos meios digitais.

Se em 2013 houve uma forte acusação e descredibilização dessas emissoras, sobretudo, a Rede Globo, pode-se concluir que os meios cibernéticos passaram a ocupar um lugar central no que tange à instauração do debate e da mobilização. Esse meio propõe uma democratização da informação e do crescimento da *opinião não formal* onde se firma uma grande disputa de pautas. As ações dos movimentos sociais também implicam na produção de conhecimento no mundo contemporâneo assim como a participação nestas mobilizações também são espaços agenciadores e produtores de saber (GOHN, 2016. p.128). Os atos puxados pelo MFL² anos depois sob o slogan “Não É Guerra, É Genocídio.” e “Não é Guerra, É Genocídio II” ampliam as narrativas e informam em primeira pessoa as mazelas vividas por moradores de favelas e periferias. As redes sociais para os movimentos, sobretudo, após 2013, cumprirão o papel de principal agitador e construtor de narrativas para os movimentos externos a ela.

Em uma coalizão de ativistas e militantes de favelas e periferias do Rio de Janeiro, o movimento Favelas Na Luta tem sua atuação registrada nas redes sociais desde 2017, sempre pautando a violência policial e o assassinato de moradores das periferias e favelas do Rio de Janeiro. Reivindicado por meio da ADPF 635 (Arguição de Descumprimento de Preceito Fundamental), apelidada como “ADPF das Favelas”, ação essa proposta pelo PSB (Partido Socialista Brasileiro) construída coletivamente com a Defensoria Pública do Estado do Rio de Janeiro, a Educafro, a Justiça Global, Redes da Maré, entre outras organizações e movimentos sociais. Esta ação foi ajuizada em novembro de 2019 no Supremo Tribunal Federal (STF). Essa conquista institucional do MFL e de outros movimentos foi utilizada para contestar as operações e o uso de drones (e outros mecanismos tecnológicos) durante o ano de 2019 e 2020.

Ao adentrar as redes sociais do MFL notamos que o Facebook, criado em 17 de julho de 2017, é a rede social que mais obtém as informações e detalhes das suas mobilizações. Na aba eventos podemos encontrar informações e chamadas para o ato “Não é Guerra, É

² Para uma melhor fluidez do texto, a partir daqui o Movimento será referenciado apenas pela sigla MFL ao longo do artigo.

Genocídio”, ocorrido no dia 23 de agosto de 2017 em frente aos estúdios do SBT-RIO, que na época fazia cobertura das ações policiais em favelas e periferias. Os integrantes do MFL afirmavam querer denunciar o genocídio e a invasão das favelas e as abordagens feitas por emissoras que propagavam apenas o discurso da força policial, compactuando para a continuidade das ações e silenciando as consequências danosas para os moradores de favelas e periferias. O ato foi conduzido por faixas com as seguintes frases: “Mídia fascista. Estado Terrorista. Chega de Chacina.” “E se fosse o seu filho no seu bairro?” A principal reivindicação era a mesma dos dias atuais que veremos mais à frente.

No dia 5 de setembro de 2017, no Largo do Machado, a fim de dar continuidade aos atos e expandir a problemática vivida nesses territórios, acontece a segunda ação chamada: “Não é Guerra, é Genocídio II”. Além das denúncias podemos ver um repertório constantemente promovido por aqueles que participam das ações do MFL, são os cartazes, blusas e fotos em memória aos mortos vítimas de ação policial nesses territórios. Para além dos assassinatos podemos perceber numerosas menções ao caso Rafael Braga³. Na página do evento vemos os cartazes usados no primeiro ato com as seguintes afirmações: “Liberdade Rafael Braga” “Cadeia pro Pezão e liberdade para Rafael Braga” “A quem interessa as mortes na favela.”. Também conseguimos ver cartazes que mencionam o caso Cláudia Silva Ferreira.⁴

No ano de 2018 temos registros da ação “As Vidas Nas Favelas Importam” no dia 28 de julho no centro do Rio de Janeiro na praça Cinelândia. Ação impulsionada pela indignação frente o assassinato de Marcos Vinicius.⁵ Sua mãe, Bruna Silva, trabalhadora doméstica, conta que seu filho baleado, ainda lúcido, disse: “Mãe, eu sei quem atirou em mim, eu vi quem atirou em mim. Foi o blindado, mãe. Ele não me viu com a roupa de escola?”. A comoção em torno deste caso se percebe pelo número de menções ao caso Marcos Vinicius antes e durante o ato. As duas ações promovidas no ano de 2017, já mencionadas acima, obtiveram em sua página no Facebook o seguinte engajamento: o primeiro, 229 pessoas confirmaram seu comparecimento e 1,2 mil demonstraram interesse, o segundo, 168 pessoas

³ Rafael Braga, jovem, negro, pobre, catador de latinhas e morador da Vila Cruzeiro. Foi preso sob a acusação de porte ilegal de artefato incendiário por segurar dois frascos de produto de limpeza em meio a manifestação de 2013.

⁴ Mulher negra e moradora do Morro da Congonha, foi vítima de uma operação da Policial Militar. Após ter sido baleada, o corpo de Cláudia foi colocado dentro do porta-malas da viatura, segundo os policiais a levariam ao hospital, durante o percurso seu corpo caiu do porta-malas ficando parte de sua vestimenta presa na viatura sendo arrastada por 350 metros na Estrada Intendente Magalhães, no dia 16 de março de 2014.

⁵ Adolescente de 14 anos, morador do Complexo da Maré, foi morto durante uma operação militar enquanto voltava para casa ao perceber o início da operação.

compareceram e 643 demonstraram interesse. Em comparação com o ato do dia 28 de julho de 2018, 1,6 mil pessoas compareceram e 4,2 mil demonstraram interesse. Sabemos que esses números não necessariamente reverberam em presenças reais, entretanto, podemos notar que houve uma crescente no engajamento da página e da pauta.

Também é de extrema relevância mencionar os colaboradores para as ações. A ação de 2017 contou com o Coletivo Akari e a Assembleia Popular No Largo do Machado. Em 2018 esses dois coletivos continuam participando da organização da ação junto a eles a Resistência CDD, Levante Popular da Juventude, Caveira Não – Favelas Pela vida e Contra as Operações, MBL – Movimento de Luta nos Bairros, Vilas e Favelas, PSOL Rio de Janeiro, Rede de Comunidades e Movimentos Contra A Violência, AERJ – Associação dos Estudantes Secundaristas do Estado do Rio de Janeiro e PSOL CARIOCA. A descrição do evento obtém um texto que elenca os questionamentos e motivações da ação, separo aqui os três pontos descritos: i) Por que o governo federal precisa intervir em nossos territórios se não fabricamos armas nem drogas? Será que a guerra é às drogas mesmo? ii) Na mira dos fuzis o povo negro das favelas e periferias não está seguro, tem suas vidas criminalizadas e colocadas em risco onde quer que esteja, até na escola e iii) devemos exigir nas ruas os nossos direitos, começando pelo direito à vida. Por isso, convocamos todas e todos a estar conosco nesta manifestação.

Outro fato relevante ocorrido no ano de 2018 reverberando em manifestações de rua foi o assassinato da vereadora Marielle Franco,⁶ caso que obteve repercussão mundial. É possível ver cartazes e menções ao caso Marielle no ato “As Vidas Nas Favelas Importam”. Frases que até hoje são proferidas e circulam nas redes sociais e manifestações: “MARIELLE PRESENTE” e “QUEM MANDOU MATAR MARIELLE E ANDERSON?”. O assassinato da Marielle e sua repercussão mundial impulsionou a narrativa sobre violência política, brutalidade policial e as pautas dos movimentos negros e LGBTQIA+. Marielle seria lembrada em todas as ações subsequentes do MFL. Mais uma vez notamos a presença dos familiares por meio de blusas, cartazes e fotos com nome dos entes assassinados. Marielle. Flavio. Johnatha. Roberto. Hugo Leonardo. Maicon. Ângelo Marcos. Marcos Vinicius. São alguns nomes que conseguimos observar. A mãe de Marcos Vinicius durante o ato suspende o uniforme escolar sujo de sangue que a criança vestia naquele momento, já que o mesmo estava arrumado para ir à escola. A mãe de Hugo Leonardo veste uma camisa do Brasil com

⁶ Marielle Franco era moradora da favela da Maré e vereadora eleita pela cidade do Rio de Janeiro (2016 - 2020). No dia 14 de março de 2018, Marielle Franco e o motorista Anderson Pedro Gomes foram assassinados com 13 tiros.

marcas de tiro e sangue. O pai de Maicon leva o nome do filho escrito em sua testa com tinta vermelha. A mãe de Ângelo Marcos veste a blusa com a foto do seu filho e um cartaz que diz “Nossos mortos têm voz e nossos filhos têm mãe, chega de matança.” A mãe de Flavio um cartaz que diz “Estado Assassino.”

Para concluir o histórico de mobilizações, em 2019, o único e último evento do ano registrado foi o “Ato Unificado Pela Vida E Memória das Nossas Crianças.” Organizado apenas pelo MFL, esse ato é impulsionado pelo assassinato de Agatha Vitória.⁷ O local escolhido, Complexo do Alemão, para que acontecesse o ato diferente dos anteriores mencionados acima. Em 2020 o MFL migra para as plataformas digitais: Instagram e Twitter. Vemos então uma crescente no número de pessoas em suas ações de rua. Não tendo eventos marcados em sua página no Facebook, agora, o Instagram e Twitter terão uma maior atenção para que possamos entender essas ações.

O MOVIMENTO FAVELAS NA LUTA E O SEU PROTAGONISMO NAS MOBILIZAÇÕES EM MEIO A PANDEMIA

As reivindicações contra a continuidade das operações policiais que ocasionaram em algumas mortes em comunidades do Rio de Janeiro em meio a pandemia fazem com que o MFL atue em 2020. Um ator importante é a repercussão em torno do assassinato de George Floyd⁸ no dia 25 de maio. O assassinato teve uma repercussão imediata mobilizada pelo Black Lives Matter⁹ ocasionando um debate público ao conferir centralidade à pauta antirracista, além de denunciar a brutalidade policial através dos meios de comunicação tradicionais e virtuais. No Brasil a repercussão do caso George Floyd demonstra duas problemáticas de narrativas em território brasileiro. A primeira é a complexidade da pauta racial na sociedade brasileira; e a segunda é a atuação dos movimentos sociais, sobretudo, dos movimentos negros.

⁷ Ato ocorrido no dia 27 de setembro de 2019, na entrada da Grota no Complexo do Alemão, favela onde Agatha morava. Agatha estava em uma Kombi com a mãe quando foi baleada nas costas durante uma operação policial no dia 20 de setembro de 2019.

⁸ George Floyd, um homem negro de 40 anos, foi brutalmente assassinado por policiais durante uma abordagem. Teve seu assassinato registrado em vídeo, disponível na internet, em que comprova tamanha brutalidade policial, no vídeo o policial é visto com o joelho em seu pescoço enquanto o mesmo reclama e diz repetidamente: “Não consigo respirar”.

⁹ Black Lives Matter é um movimento ativista internacional, que nasceu em 2013, com origem na comunidade afro-americana, que faz campanha contra a violência direcionada às pessoas negras.

Quando o caso George Floyd repercutiu nas mídias tradicionais brasileiras, a atenção se voltou para o racismo estrutural que costuma pautar as ações policiais em comunidades e favelas fluminenses. Houve ainda uma discussão pública em torno das mobilizações antirracistas, com a consequente derrubada de estátuas de líderes políticos escravistas e a queima de delegacias em diversas regiões dos Estados Unidos. Outro repertório que entra em debate, principalmente, nas redes sociais é a postura de parte dos setores brancos estadunidenses em se colocar como escudo diante de manifestantes negros a fim de reter a intervenção policial das manifestações. Essas mobilizações ocorridas nos Estados Unidos vão se instaurar no debate público brasileiro de diversas formas. Dentre elas, cabe destaque: a) o questionamento acerca das mobilizações nacionais diante dos inúmeros casos de violência policial e morte de moradores de favelas; e b) a retomada do discurso que afirma não existir racismo no Brasil em comparação ao histórico segregacionista dos Estados Unidos

Neste contexto de invalidação das mobilizações brasileiras o MFL construiu o ato “Vidas Negras Importam” no dia 31 de maio de 2020. O ato reforça a pauta reivindicatória e pede justiça pela morte de João Pedro¹⁰. Na véspera do ato, 30 de maio, acontece o assassinato de um jovem chamado Matheus Oliveira¹¹, de 23 anos, ambos em decorrência de uma operação policial em meio a pandemia. Parte do repertório utilizado pelo MFL relembra o longo histórico de assassinatos de jovens negros assim como um longo histórico de mobilizações em relação a esses assassinatos, diversos deles articulados pelo MFL como foi exposto no tópico anterior. As recomendações das chamadas dos atos eram aquelas já estabelecidas usualmente pelas autoridades sanitárias: máscaras, luvas, álcool em gel e distanciamento social para evitar a propagação do vírus. O cartaz que demarca a mobilização é aquele que diz “BASTA DE CORONA TIROS”. O ato se encerra após policiais apontarem fuzis para alguns manifestantes que protestavam pacificamente. No mesmo dia em São Paulo ocorrem manifestações pró-democracia e antifascistas (ANTIFA)¹², mobilizadas também por torcidas organizadas politizadas e contrárias ao governo do atual presidente, Jair Bolsonaro. O que motivou tal manifestação foi a crescente relação entre o atual presidente e as

¹⁰ João Pedro Matos Pinto, 14 anos, foi morto com um tiro na barriga após uma operação da Polícia Federal e da Polícia Civil no Complexo do Salgueiro, em São Gonçalo, no Rio de Janeiro, no dia 18 de maio. Foi resgatado por um helicóptero do Corpo de Bombeiros, o jovem desapareceu por horas e foi encontrado apenas na manhã de terça-feira (19/05/2021) pela família no Instituto Médico Legal de Tribobó, na mesma cidade.

¹¹ Matheus Oliveira estava de moto, voltando pra casa quando foi assassinado com um tiro na cabeça perto de um dos acessos ao Morro do Borel

¹² União de movimentos sociais a fim de fazer oposição ao fascismo por quaisquer meios necessários. Eles atuam com táticas de militância em protestos expondo identidades de nazistas e fascistas e realizam manifestações contra a extrema-direita

mobilizações de cunho neofascista promovida por seus apoiadores. Uma delas seria a manifestação promovida pelo grupo “300 do Brasil” liderado por Sara Winter, que contou com cerca de 30 pessoas, em frente ao Supremo Tribunal Federal devido ao inquérito¹³ das fake news. A manifestação ocorreu no dia 30 de abril e contou com tochas, máscaras brancas, roupas pretas e palavras de ordem. O que foi posto em discussão após as manifestações do dia 30 e 31 de maio foi a atuação da polícia militar em cada um das manifestações. Se por um lado, os policiais adotaram uma postura pacífica frente aos “300 do Brasil”, por outro, eles assumiram uma postura truculenta frente as manifestações antirracistas e antifascistas do dia 31.

A partir do mês de julho de 2020, a pauta antifascista tomou conta das redes sociais como uma onda. O mecanismo que permite incluir a palavra “antifascismo” nas fotos dos perfis dos usuários nas redes sociais é utilizado constantemente. Ativistas e militantes vão apontar a secundarização das pautas raciais, alguns utilizarão como exemplo a repercussão das mobilizações do dia 31 tendo a manifestação antifascista uma maior capilaridade dos meios de comunicação formais e informais em relação às manifestações antirracistas promovida pelo MFL. O debate racial no Brasil se tenciona diante dos setores brancos e de classe média devido o questionamento da participação nas mobilizações pela vida dos jovens negros assassinados. Com isso, as mobilizações do caso George Floyd nos ajudariam a compreender não somente a brutalidade policial e racismo existente nos Estados Unidos. Mas a secundarização das questões raciais no Brasil e a não mobilização de alguns setores. Neste primeiro momento o Brasil não repete a união da pauta antifascista e antirracista como acontece em outros países. Essa divisão entre as pautas progressistas resultam na campanha “Enquanto houver racismo, não haverá democracia” promovida pela Coalizão Negra por Direitos. Mais assassinatos neste meio tempo também iriam servir de impulsionamento da pauta e mobilização para a próxima ação que viria acontecer no dia 7 de julho. A morte do menino Miguel¹⁴, de apenas 5 anos, reacendeu o debate em torno da questão racial nas mídias sociais brasileiras.

No dia 3 de julho, o MFL anuncia pelo seu Instagram a “II Marcha Antirracista - Vidas Negras Importam”. Dois dias depois, o rapper Emicida posta em suas redes sociais um

¹³ Alexandre de Moraes, até então ministro do Supremo Tribunal Federal, determinou busca e apreensão contra blogueiros bolsonaristas sob suspeita de disseminação de fake news e ataques aos ministros, um deles era Sara Winter.

¹⁴ O menino Miguel caiu do 9º andar do prédio em que sua mãe trabalhava como empregada doméstica. Miguel estava sob os cuidados da patroa enquanto sua mãe, Mirtes, passeava com o cachorro.

vídeo em que explica o porquê não irá comparecer às manifestações que estavam marcadas para o dia 7 de julho. No vídeo, o rapper comenta a probabilidade de contágio e o possível adoecimento em massa que as manifestações poderiam causar. Com essa crítica, outro debate se instaura tendo agora as problemáticas do vírus um maior destaque: ir ou não às ruas. Após o contexto causado pela discussão sobre a adesão das massas às manifestações de teor racial, o posicionamento do rapper fez com que alguns manifestantes começassem a refletir sobre a sua ida ao ato. Por tal motivo, o MFL postou em suas redes uma sequência de fotos que expõem as razões pelas quais se urgia ir às ruas em meio a pandemia: a fome, o vírus e o tiro.

No dia 7 de julho no Busto de Zumbi, no centro do Rio de Janeiro é iniciada a “II Marcha Antirracista - Vidas Negras Importam”. O MFL disponibiliza o contato de advogados interessados em ajudar nas possíveis intervenções jurídicas, estes mesmos advogados vão aos atos de terno e gravata para serem facilmente identificados caso alguns manifestantes sofram algum tipo de abuso policial. No início do protesto, é possível verificar o impacto dos debates levantados, a começar pela numerosa presença de pessoas brancas, em um dos cartazes está escrito “Branco, essa luta também é nossa.”. Aproximadamente 4 mil pessoas reunidas no centro do Rio durante uma pandemia. Durante a manifestação, parte dos manifestantes deitou e gritou: “Eu não consigo respirar.” E gritos como “Não acabou. Tem que acabar. Eu quero o fim da polícia militar.”. Os organizadores em entrevista para o jornal Alma Preta¹⁵ confessaram ter pensando em adiar o protesto, porém sabiam que já tinham mobilizado parte dos manifestantes e com isso preferiram continuar e reforçar a necessidade do uso de máscaras, álcool em gel e luvas. Segundo o MFL, alguns dos policiais estavam sem máscaras e luvas e fazendo a apreensão dos manifestantes que estavam com álcool em gel acima de 50ml.

Chegando ao final do protesto, uma das organizadoras, Buba Aguiar, através de um megafone denunciou que “Essa luta não começou no último Domingo, essa luta não termina hoje. Ser antirracista não é apenas comparecer a esse ato, mas são posturas que devemos manter em toda nossa vida.” Com o término do protesto, o MFL emitiu uma série de comunicados nas redes sociais solicitando a dispersão dos manifestantes. Esse comunicado se deu porque se sabe que os manifestantes uma vez isolados e sozinhos poderiam sofrer represálias das forças policiais.

No dia 5 de junho, o MFL divulgou em suas redes sociais um registro de uma chamada de vídeo com os integrantes do Black Lives Matter, esclarecendo que aquela era

¹⁵ O Alma Preta é uma agência de jornalismo especializada na temática racial do Brasil.

uma forma de trocar experiências e traçar estratégias em comum. Ainda em sua entrevista para o Alma Preta, o MFL, contou que as mídias hegemônicas estão apenas agora pautando o antirracismo e tentando cooptar a pauta. Avisam que não há atos previstos para os próximos domingos pois querem monitorar se houve contaminação devido ao Covid-19. Esse rompimento do isolamento social se deu por motivações relativas ao descaso, que já vinha sendo denunciado antes da pandemia pelo próprio movimento, e que se agravou devido às poucas condições de manutenção do isolamento. A faixa que se destaca nesta última mobilização traz a seguinte frase “Nem fome, nem tiro e nem covid: o povo negro quer viver!”. O MFL não puxa outras mobilizações durante o ano de 2020 mas compareceu ao ato “Justiça Para Emily e Rebeca”¹⁶. Ainda no ano de 2020 no dia 19 de novembro João Alberto, homem negro, de aos 40 anos de idade, é assassinado ao ser asfixiado ao ter o joelho de um segurança da rede de supermercado Carrefour em seu pescoço. No dia seguinte, 20 de novembro, Dia da Consciência Negra, o vice-presidente, Hamilton Mourão, em relação ao assassinato de João Alberto, diz não existir racismo no Brasil. As mobilizações que desencadearam o assassinato de João Alberto cabem ser analisadas separadamente em outro momento, a priori, a sua ocorrência e grande repercussão nas mídias digitais e tradicionais nos ajudam a compreender a continuidade o debate racial nas mobilizações brasileiras.

MOVIMENTOS SOCIAIS, CULTURA, SENTIMENTO E MOBILIZAÇÃO

A definição de movimento social adotada pelo presente artigo consiste na expressão de uma ação coletiva e decorre de uma luta sociopolítica, econômica ou cultural (GOHN, 2014, p.14) o próprio conceito de ação social é retomado por meio do viés weberiano que o compreende como:

“Ação” entende-se, neste caso, um comportamento humano (tanto faz tratar-se de um fazer externo ou interno, de omitir ou permitir) sempre que na medida em que o agente ou os agentes o relacionem com um sentido subjetivo. Ação “social”, por sua vez, significa uma ação que, quando a seu sentido visado pelo agente ou os agentes, se refere ao comportamento de outros, orientando-se por este curso. (WEBER, 1992, p.3)

Ou seja, essa ação seria em resumo um meio para adquirir determinada demanda ou necessidade destes atores por alguns motivos, mas o que nos interessa são os motivos racionais e afetivos. As ações orientadas racionalmente pelo sentido podem ser uma reação

¹⁶ Duas crianças foram assassinadas em frente às suas casas durante uma operação militar em Caxias.

desenfreada a um estímulo não-cotidiano; para Weber seria como uma descarga emocional onde se encontra ação racional já que as ações afetivas têm como finalidade a sua própria ação e a ação racional, por sua vez, é direcionada pela ordem dos deveres e direitos, por exemplo, e principalmente pela sua finalidade racionalmente concebida, não necessariamente uma ação social de cunho afetivo desencadearia em uma ação racional, entretanto, pode se conceber que em alguns casos esta sequência procede.

Heberle vai categorizar os movimentos sociais em: partidos políticos e movimentos de protesto. Os movimentos que reivindicam pautas raciais se encaixam nos movimentos de protestos e são eles um movimento de protesto formalmente organizado representando uma espécie de “grupo de pressão” (HEBERLE, 1968, p.169) os movimentos de protesto não desenvolvem projetos amplos de ação ou uma ideologia muito elaborada. Pensando no caráter sociopsicológico, o autor afirma que a adesão aos movimentos podem ser feita por diversas motivações:

As motivações dos indivíduos para integrar um movimento social podem variar, desde a crença racional nos objetivos do movimento (orientação do valor racional) até o oportunismo puro. Muitas vezes, a decisão de filiar-se é mais emocional do que racional (HEBERLE, 1968, p.172).

No que concerne à função dos movimentos sociais, Heberle defende que são grandes atores, direta ou indiretamente, na mudança da ordem social vigente. Nos casos em que sua proposta reivindicativa não foi completamente aceita, algo dela foi incorporado na ordem social vigente. Assim como contribui para o debate social acerca do tema reivindicado podendo incorporar algumas das suas ideias à opinião pública dominante.

A utilização dos teóricos europeus neste artigo se justifica na medida em que os estudos sobre movimentos sociais na América Latina tem sido voltado para a descrição e análise dos fenômenos e não na formulação de teorias. Entretanto, podemos observar que em determinado modo alguns deles nos ajudam a pensar tais movimentos, como o MFL no Brasil. A teoria dos novos movimentos sociais surge para sinalizar aqueles que emergem a partir do capitalismo tardio resultado da banalização da vida social (Glória Gohn apud Mouffe).

Os Novos Movimentos recusam a política de cooperação entre as agências estatais e os sindicatos e estão mais preocupados em assegurar direitos sociais - existentes ou a ser adquiridos para suas clientelas. Eles usam a mídia e as atividades de protestos para mobilizar a opinião pública a seu favor, como forma de pressão sobre os órgãos e políticas estatais. Por meio de ações diretas, buscam promover mudanças nos valores dominantes e alterar situações de discriminação, principalmente dentro de instituições da própria sociedade civil. (GOHN, 1997, p.125)

As suas ideias e valores têm tendências e orientações pragmáticas para a busca de reformas institucionais que ampliem sua participação no processo de tomada de decisões. Para Evers, os NMS contrapõem ao poder vigente, entretanto, não se colocam como uma alternativa de poder (Gohn apud Evers). Eles são importantes pois atuam na mudança das leis que regulamentam as relações sociais, na mentalidade construída socialmente e na sociedade em geral. Os NMS também representam preocupações como raça, gênero, ecologia e etc. Para MELUCCI (1989) é neste processo de interação social, promovida por um movimento social, que ocasiona um processo relacional que cria identidade coletiva. Processo relacional é a capacidade e a tendência dos movimentos para construir, identificar e poder interrogar sua própria identidade (GOHN, 1997, p.149). Ou seja, por meio de um sistema de oportunidades e constrangimentos se desenvolve identidade coletiva podendo assim se identificar e distinguir, de forma autônoma, do meio ambiente que estão inseridos. São sempre mobilizados pelas emoções e sentimentos como paixão, raiva, medo, fé e ódio etc.

No que diz respeito às dinâmicas raciais no Brasil, em comparação com as dinâmicas estadunidenses, Lélia Gonzalez nos apresenta o racismo aberto e o racismo disfarçado. O racismo aberto como uma característica das sociedades de origem anglo-saxônicas, germânicas ou holandesas, onde estabelecem que negra é a pessoa que tenha tido antepassados negros. De acordo com essa afirmação, a miscigenação é algo impensável - embora o estupro e a exploração sexual da mulher negra sempre tenha ocorrido - na medida em que o grupo branco pretende manter sua pureza e a reafirmar sua “superioridade”. Em consequência, a única solução assumida de maneira explícita como a mais coerente é a segregação dos grupos não-brancos. (GONZÁLEZ, 1988, p.72). O racismo disfarçado, ou por denegação, nos orienta que as sociedades de origem latina exercem a miscigenação e a assimilação, como a “democracia racial”. O racismo explícito reforçará a identidade desses grupos minoritários os possibilitando, de forma mais coesa, responder às violências referidas a ele. O racismo por denegação tornaria a busca pelo embranquecimento, por meio da miscigenação, a deterioração da identidade negra em favor de um embranquecimento de certos grupos minoritários. Outro fator que podemos incorporar neste artigo em torno da obra de Lélia Gonzalez é a análise que a mesma faz sobre o não pertencimento das pessoas negras à classe trabalhadora. Uma vez que a estrutura racial os relega à absoluta marginalidade trabalhista. Soma-se a isso a construção imagética do negro brasileiro movida por indicadores racistas que o colocam como incapacitados gerando desvantagens e exclusões. O conceito de massa marginal a autora retoma José Nun, para desenvolver o argumento considera a

população negra como massa marginal quando pensa em termos de América Latina. Não podem ser considerados como exército industrial de reserva já que não possuem capacitações profissionais e são impedidos pelas barreiras raciais existentes no país. A partir daí que surgem determinados movimentos negros em diferentes épocas, como: a Frente Negra Brasileira, Imprensa Negra, O Teatro Experimental do Negro e o Movimento Negro Unificado.

Em sua tese de pós-graduação em Geografia, Andreilino Campos explicitará a secundarização da temática territorial na agenda de reivindicação desses movimentos negros. Afirma que os Quilombos, surgiram como resistência ao Império, existiam nessas localidades que hoje são favelas e periferias. A população afrodescendente, como o mesmo intitula em seu texto, preferia determinadas localidades. Este fato é anterior ao projeto de urbanização do estado do Rio de Janeiro. Em outras palavras, os afrodescendentes já viviam nas localidades que vieram se transformando hoje em favelas e periferias. Dentro desta relação entre estado, favelas e periferias a problemática se encontra na negligência e exclusão. Em um primeiro momento o aumento expressivo de moradores nesses locais, para o autor, se dá no período pós abolição que resulta em milhares de negros desempregados que migram para essas áreas. Assim como o êxodo rural de parte da população nordestina na busca por melhores condições de vida.

A realidade racial das favelas e periferias e a indiferença do estado na construção de políticas públicas, que poderiam impactar positivamente a vida dos moradores, corrobora para a marginalização do espaço e a imagem criminalizada e vadia dos moradores. Quando o estado passa a interferir e realocar as favelas por meio de políticas habitacionais, a ausência de aparatos educacionais, culturais e de segurança pública fazem com que o processo não tenha reverberado positivamente na vida da população, em contrapartida à agenda neoliberal do país instiga o interesse das empresas privadas nesses territórios. A secundarização da pauta territorial pelos movimentos negros, partidos de esquerda e outros segmentos dos NMS no pós-abolição configura o seguinte quadro:

O movimento negro, por seu turno, como pensava Guerreiro Ramos na década de 1970, constituiu uma elite pensante e se baseia no instrumental oferecido pela tecnologia para apontar as mazelas da condição em que se encontram os negros, buscando nos espaços habitados por maioria negra a inspiração de seus produtos finais: dissertações, teses, livros, artigos. Mas, por não viver essa elite a realidade, conta de maneira parcial os problemas em que vivem as classes populares e os seus negros e pardos. (CAMPOS, Adreilino. 2006. p.262)

Sobre a adesão do território na mobilização e no campo central da pauta dos movimentos sociais Adelino diz:

O protagonismo, como uma postura política que não é resultado de um planejamento das ações dos grupos que se reúnem para dar conta de um ou poucos eventos, não necessita, em sua dinâmica urbana, de uma identidade espacial consistente. Em outras palavras, a identidade espacial, a territorialidade, é fluida onde a ação não é pensada para além do momento da ação, onde a luta é pontual e desterritorializada, sem que haja movimento de integração ao território como grupo. Em geral, os membros pertencem a redes espaciais diferentes, que se tocam aqui e ali, mas não compõem um corpo sólido, cujo objetivo final seja a maior integração dos membros do grupo a uma rede territorial específica. Ao contrário, como acabamos de examinar, o tempo da identidade é o tempo da manifestação. Como não somos ágeis o suficiente para formar redes identitárias, a identidade só se prestará para aquele momento. Entretanto, aqui se vê alguma coisa positiva: a base territorial é local, portanto, em geral os resultados são esperados localmente, não existindo a prioridade de atingir as escalas superiores. (CAMPOS, 2006. p.162)

Na sua dissertação de pós-graduação, em Administração Pública, Marielle Franco discorre sobre as gestões neoliberalistas do país e suas ações relativas à Segurança Pública no Rio de Janeiro. Tratando das Unidades de Polícia Pacificadoras relaciona o avanço da ideologia neoliberalista no país e o avanço das empresas privadas nas favelas e periferias do Rio de Janeiro a partir da implementação das UPPs. É após a lógica da pacificação e controle de um território, visto como inimigo, que as empresas privadas adentram essas áreas gerando um impacto negativo na economia interna, na cultura e educação, resultando na militarização da vida dos moradores. A combinação de modelos repressivos mais os fatores neoliberalistas atuam no controle dos chamados “pobres problemáticos”. A maneira que a polícia militarizada trata jovens negros, pobres e favelados como inimigos em potencial do estado de direito, precisa ser justificada, de que o que está em jogo é a segurança de todos. (FRANCO, 2014. p.41)

Achille Mbembe coloca a soberania como motor capaz de dizer qual vida importa ou não importa. Nas guerras no mundo contemporâneo ele ressalta a utilização de equipamentos tecnológicos como modernização da guerra. São eles sensores eletrônicos, mísseis guiados, veículos aéreos e etc. equipamentos que auxiliam tais guerras que ocorrem majoritariamente de forma relâmpago. Na realidade das favelas e periferias brasileiras, como Marielle menciona, existem os blindados, drones, helicópteros entre outros artefatos cibernéticos para operacionalizar as ações militares. Assim como Marielle, Mbembe também ressalta em seu ensaio que a guerra é travada entre o braço armado do estado e o braço armado que não tem estado, ilegal, entretanto, controlam o território. Entre esta guerra estão os civis desarmados ou organizados com milícias. (MBEMBE, 2006. p.141).

Em consonância com esta discussão, podemos problematizar o choque moral (JASPER, 2016, p.27) causado pela exposição de uma dinâmica social vivenciada por pessoas negras moradoras de favelas e periferias em acordo com a repercussão mundial do caso George Floyd. A centralização das pautas antirracistas nas mídias digitais e tradicionais, em decorrência da atuação de movimentos sociais brasileiros e americanos, impactam os setores brancos e de classe média, ditos progressistas e os convoca a participar das ações mobilizadas em torno das pautas raciais no que concerne a morte de jovens negros nas favelas e periferias. A culpa coletiva pela negligência do estado em relação à vida desses jovens negros assassinados impulsiona tais presenças naqueles atos e representam a possibilidade de redenção e diminuição da culpa atribuída a sua identidade. Essa movimentação e mobilização na percepção desses setores provém em decorrência da atuação de movimentos como o MFL.

Repertório aqui são as ações sociais construídas por meio de performances que se revelam por frases, intervenções artísticas, gestos repetidos, vestimentas, atos, panfletagem e outros mecanismos criados pelos movimentos sociais para demandar sua reivindicação. O repertório é, então, um conjunto de formas de ação. (ALONSO, 2012, p.23). E neste contexto, ainda, pandêmico que o MFL manteve em vigor, assim como outros movimentos, em outros países, um dos repertórios mais antigos dos movimentos sociais, as marchas. A demanda urgente por necessidades básicas perante uma crise sanitária global fizeram com que diversos manifestantes viessem a romper com determinadas medidas protetivas e fossem às ruas. O que poderíamos conceber como alteração neste repertório em relação a pandemia seria as estratégias elaboradas, além do uso de máscaras, luvas e álcool em gel, que se coloca como uma obrigatoriedade para a realização do ato, tanto em relação a liberalidade governamental do mesmo, quanto devido às restrições da OMS quanto a letalidade do vírus visando evitar a transmissão.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O MFL que me propus analisar detém uma importância significativa na construção da percepção das questões raciais e territoriais no Brasil. Ele nos fornece um material importante para tentarmos compreender as batalhas e narrativas que fazem enfrentamento ao grupo dominante. Nos fornece percepções que complexificam a noção de que os grupos minoritários não possuem poder de agência e de mobilização da opinião e do senso de realidade social. Não quero negligenciar as forças estruturais que os grupos dominantes detêm, mas sinalizar o local que os movimentos sociais possuem na transformação e contestação desses grupos e

suas narrativas. Conseguimos conceber que em um primeiro momento essas ações coletivas são provenientes de familiares, naquilo que mencionamos acima como ações sociais afetivas provenientes dos sentimentos, um exemplo disso seria as famílias que ateiam fogo em ônibus e/ou pneus assim que recebem a confirmação das mortes. Em um movimento de descarga emocional, geralmente, são ações que acontecem dentro ou próximo ao seu território e não articuladas com movimentos sociais institucionalizados¹. Assim como em alguns desses casos podemos também observar o que se prossegue a essas ações coletivas afetivas é a racionalização do caso. Onde o MLF atua institucionalizando esta pauta e ampliando para o debate político e de mobilizações sociais.

Os processos subjetivos e emocionais também são mobilizados para a estrutura externa daquele território. É a partir daquela mãe que acabou de perder seu filho e com todas as letras diz que ele foi assassinado pelo estado do Rio de Janeiro se instala a não personificação do caso e o fortalecimento do repertório defendido pelo MFL. É a partir deste teor coletivo que se cria em torno destas mortes pontuais, que ganham destaques nas mídias digitais e tradicionais, as construções de imagens que reafirmam a assiduidade dos casos, elas são, como o próprio MFL reivindica, um projeto genocida que visa exterminar a população negra, favelada e periférica. Nesse sentido se é tensionado a construção da identidade racial no país. A partir desses casos de assassinatos individuais, a construção das ações coletivas se iniciam no campo das sensações, denunciam as discriminações existentes e que são negadas constantemente. A construção imagética e de percepção da realidade social daquela população que está inserida no grupo do qual o estado extermina se sentem mobilizadas a aderirem às ações assim como os outros setores não pertencentes a estes grupos identitários se veem comovidos moralmente a aderirem às mesmas.

REFERÊNCIAS

ALONSO, Angela. Repertório, segundo Charles Tilly: História de um conceito. *Sociologia&antropologia*, v.02.03: 21–41, 2012.

CAMPOS, Andreilino. O planejamento urbano e a “invisibilidade” dos afrodescendentes: Discriminação étnico-racial, intervenção estatal e segregação sócio-espacial na cidade do Rio de Janeiro. *Anuário do Instituto de Geociências – UFRJ*, v. 29, n. 2, 2006.

FRANCO, Marielle. UPP – **A redução da favela a três letras: Uma análise da política de segurança pública do estado do Rio de Janeiro**. Administração da Faculdade de Administração, Ciências Contábeis e Turismo - Universidade Federal Fluminense, 2014.

GOHN, Maria da Glória. **Novas Teorias dos Movimentos Sociais**. 5ª Ed. São Paulo: Edições Loyola, 2014.

GOHN, Maria da Glória. Manifestações de protesto nas ruas no Brasil a partir de Junho de 2013: novíssimos sujeitos em cena. **Rev. Diálogo Educ.**, Curitiba, v. 16, n. 47, p. 125-146, jan./abr. 2016.

GOHN, Maria da Glória. **Teoria dos Movimentos Sociais**: paradigmas clássicos e contemporâneos. Edições Loyola. São Paulo, 1997.

GOHN, Maria da Glória. **Sociologia dos Movimentos Sociais**. 2ª Ed. Editora Cortez. São Paulo, 2014.

GONZALEZ, Lélia. **Por um feminismo afro-latino americano**: Ensaio, intervenções e diálogos. Editora Zahar. Rio de Janeiro, 2020.

JASPER, James M. **Protesto**: Uma introdução aos movimentos sociais. Tradução: Carlos Alberto Medeiros. 1. Ed - Rio de Janeiro: Zahar, 2016.

MBEMBE, Achille. **Necropolítica**. 3. ed. São Paulo: n-1 edições, 2018.

MELUCCI, Alberto. Um objetivo para os movimentos sociais? **Lua nova**. São Paulo. Junho, 87. Nº17, 1989.

WEBER, Max. **Economia e Sociedade**: fundamentos da sociologia compreensiva. Volume 1. Trad. Regis Barbosa e Karen Elsabe Barbosa; rev. téc de Gabriel Cohn, 4ªed - Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2009.

